

## O SOBRENATURAL NA PRODUÇÃO DE JOSÉ LINS DO REGO

Isabella Unterrichter RECHTENTHAL.

Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP

bellaur@hotmail.com

**Resumo:** *Água-mãe*, romance publicado em 1941 por José Lins do Rego, conta a história de três famílias distintas, residentes na representação da lagoa de Araruama, no Rio de Janeiro, que partilham do mesmo temor relacionado à Casa Azul, habitação que integra o cenário e que se encontra abandonada no início da narrativa. São as três famílias a do Cabo Candinho, a de Dona Mocinha e os Mafra, esses últimos compradores da casa, responsáveis por reformá-la e retomar a vida no lugar. Evitada por conta de histórias maléficas a ela associadas, como assassinatos e suicídios, a Casa volta a ser frequentada pelos Mafra, que a abandonam após variadas tragédias que acometem a família, restabelecendo a situação de abandono inicial e a crença popular no sobrenatural que dela provém. Embora possível, a força sobrenatural não é confirmada em nenhum momento da narrativa, o que mantém o leitor na hesitação em acreditar ou não na sua existência, aproximando o romance às proposições todorovianas a respeito da literatura fantástica. A localização do malefício na casa pode ser relacionada, ainda, aos castelos sombrios comuns às narrativas góticas, locais em que poderes maléficos e desconhecidos eram associados a histórias trágicas passadas ali ocorridas. Cria-se, deste modo, a atmosfera terrível tal como a define Lovecraft, necessária para a classificação de uma obra como sobrenatural. Pretende-se, assim, avaliar os motivos que levaram José Lins do Rego a flertar com um gênero estranho à produção e estabelecer a importância de *Água-mãe* no conjunto da obra do escritor.

**Palavras-chave:** *Água-mãe*; José Lins do Rego; sobrenatural; narrativa fantástica.

O escritor paraibano José Lins do Rego destaca-se na cena da literatura brasileira por conta dos romances ambientados no Nordeste que, seguindo a tendência regionalista da década de 1930, possuem, segundo Luiz Costa Lima (1970, p. 304), caráter documental, pois fixam o comportamento de figuras afetadas pela situação sócio-econômica da região. Na obra reguiana, tal situação está representada nas narrativas pertencentes ao que chamou – José Lins do Rego – de ciclo da cana-de-açúcar, obras nas quais se apresentam as realidades física, social e econômica nordestinas, nos momentos que compreendem a produção dos engenhos – principal atividade econômica do Nordeste no início do século XX – e a substituição desses pela mecanização da produção, conquistada com a implantação das usinas na região.

Embora a notabilidade da produção de José Lins do Rego se dê pelas obras de cunho regional e social, há, no conjunto de seus romances, duas obras que fogem ao tema e à ambientação comuns ao escritor: os livros *Água-mãe* e *Eurídice*, publicados em 1941 e 1947, respectivamente. Ambientados no Rio de Janeiro, ambos os romances são tidos pela crítica como obras menos significativas na produção do escritor (GERSÉN, 1991, p. 157), pois, conforme afirma Luís Bueno (2006, p. 465), são ofuscados pelo sucesso e pela importância do

ciclo da cana, justificando, assim, a escassez de estudos voltados diretamente às duas produções.

O romance *Água-mãe*, *corpus* do presente trabalho, surpreendeu a crítica pela ausência do cenário nordestino característico de José Lins do Rego, sendo a história localizada na representação das margens da lagoa de Araruama, no Rio de Janeiro. Além do espaço, o tema de *Água-mãe* também é outro e, se antes o leitor estava acostumado à representação da sociedade nordestina, depara-se aqui com uma história em que o mistério predomina e provém, segundo a crença das personagens, da chamada Casa Azul, habitação majestosa que integra o cenário do romance.

A ação narrativa de *Água-mãe* ocorre nas margens da lagoa de Araruama e foca-se, principalmente, na vida e relações de três famílias distintas: a do Cabo Candinho, a da Dona Mocinha e a dos Mafra. As duas primeiras – de Dona Mocinha e de Cabo Candinho – são naturais da região e pertencem a segmentações econômicas próprias do lugar – Cabo Candinho é o chefe de uma família de pescadores de camarão e Dona Mocinha é a dona da salina da Maravilha, que retira da lagoa a matéria prima da produção. Habitantes de longa data – sabe-se que Dona Mocinha vive na lagoa desde pequena e que Cabo Candinho herdou o sítio em que mora de seu bisavô – as personagens centrais do romance partilham, junto às personagens secundárias – padeiros, outros pescadores, mercadores etc. – do mesmo temor que predomina no lugar: o medo da Casa Azul, habitação da qual se acredita que venham malefícios. O leitor toma conhecimento, por meio do narrador, que esse elemento espacial é majestoso e belo, atrai os olhares dos viajantes e encontra-se abandonado na primeira parte do romance – intitulada “A Casa Azul”. Conta-se que os proprietários anteriores haviam se mudado e posto a casa à venda após diferentes acontecimentos trágicos dos quais ela havia sido palco, como mortes inesperadas, enlouquecimentos e suicídios dos familiares. Acontecimentos anteriores a esses, como falências, acidentes e aparições de supostos fantasmas também são contados nos primeiros capítulos do romance e reforçados no decorrer de toda a narrativa, mantendo-se assim o temor de todos os habitantes sobre a Casa Azul.

Na segunda parte do livro – intitulada “Os Mafra” – a casa é comprada, reformada e passa a ser a morada de verão dos Mafra, família rica do Rio de Janeiro que passa as férias no lugar e retoma a vida na Casa Azul. Com o desenrolar da narrativa, os novos moradores chamam a atenção dos habitantes da lagoa de Araruama, que começam, aos poucos – principalmente os mais novos, filhos de Cabo Candinho e de Dona Mocinha –, a se relacionar com a casa, quebrando os preconceitos que tinham sobre ela. Por outro lado, as personagens mais velhas – pais e cidadãos – mantêm sua opinião sobre o lugar e preferem não se relacionar com os moradores de lá. Com o passar do tempo, entretanto, o temor da Casa Azul é amenizado – “[...] aos poucos, a Casa Azul foi vencendo o terror dos pobres.” (REGO, 1976, p. 70) –, para ser logo retomado com a primeira desgraça – a morte de Lourival, filho do casal Mafra – à qual se seguem outras mais, mantidas até o final da narrativa. Cresce, assim, a crença de que a responsabilidade pelos acontecimentos é, de fato, da Casa Azul, que volta a ser evitada após as tragédias que recaem sobre aqueles que se relacionam com ela.

Dado que a crença no sobrenatural é o principal fator de condução dos acontecimentos de *Água-mãe*, faz-se necessário o estudo da construção desse elemento ao longo do romance, tendo em vista a observação dos traços utilizados pelo narrador para compor e manter o mistério em torno da Casa Azul. Em seguida, pretende-se avaliar o efeito da temática sobrenatural no romance, primeiramente, e, em segundo lugar, na obra reguiana como um todo, a fim de justificar a atitude do escritor ao flertar com um gênero narrativo estranho à sua produção.

A narrativa de *Água-mãe* (1976) é ambientada em um cenário estranho à produção de José Lins do Rego – as margens da lagoa de Araruama, no Rio de Janeiro – que, aliado à

temática aqui trabalhada – o terror sobrenatural centrado em um local específico – conferem novo e inesperado caráter à produção do escritor. Com traços que se assemelham à narrativa gótica do final do século XVIII e início do XIX – marcada pela ênfase na representação do terrível, segundo David Punter (2009, p. 1) - o deslocamento espacial aproxima-se, também, ao deslocamento comum às narrativas góticas que, como relembra Francesco Orlando em “Estatutos do sobrenatural na narrativa”, eram publicadas, em geral, na Inglaterra e ambientadas “sempre no sul da Itália, na Espanha e nunca acima da França central” (2009, p. 265), transferindo a um espaço e tempo longínquo e distinto o passado feudal e supersticioso superado. Ao transferir para o sudeste a ambientação da história, José Lins do Rego permite-se a exploração de um novo tema sem que esse influencie os ideais e o compromisso com a realidade que lhe confere o espaço nordestino. Valendo-se de meios e características inéditos em sua tradição romanesca, o escritor distancia-se do universo real por ele trabalhado e aproxima-se do gênero fantástico para explorar o tema sobrenatural presente em *Água-mãe*.

O teórico Francesco Orlando afirma, em seguida, que a primeira condição básica para a existência do sobrenatural é a localização, que o delimita e o destina a um local específico (2009, p. 260). Defende, também, que a manutenção do sobrenatural depende diretamente do crédito a ele dado, ou seja, é necessária a crença em seu efeito para que se sustente sua hipótese na narrativa (2009, p. 256). No caso de *Água-mãe*, é nítida a localização do sobrenatural no interior e nas redondezas da Casa Azul, sendo que a crença é mantida, se não sempre pelo leitor, pelas personagens, que temem – principalmente as mais velhas – as desgraças que podem vir do local amaldiçoado. Vale ressaltar que se toma conhecimento do crédito dado ao sobrenatural não apenas pelo pensamento das personagens primárias do romance – como a Dona Mocinha, o Cabo Candinho e a velha Filipa –, mas também por meio de personagens secundárias – pescadores, padeiros etc. – que relembram, no decorrer da história, os fatos trágicos ocorridos, que vão desde crimes e mortes nos limites da casa até supostas aparições de fantasmas no alpendre da mansão abandonada.

A Casa Azul, marcada pelo abandono e pela obscuridade que a envolvem no início da narrativa, assemelha-se ao castelo comum às narrativas góticas do início do século XIX, “um dos grandes abrigos do sobrenatural”, segundo Orlando (2009, p. 267). Em estudo intitulado “The house of Bluebeard: Gothic engineering” (2005), Anne Williams traça um panorama sobre o tratamento do espaço da casa na literatura gótica, afirmando que a casa imponente com um terrível segredo é, certamente, a característica central dessa literatura em seu princípio (WILLIAMS, 2005, p. 39) e retoma Montague Summers (apud WILLIAMS, p. 39) ao dizer que os castelos eram os verdadeiros protagonistas dessas narrativas.

Dean R. Koontz (apud WILLIAMS, p. 39) segue o pensamento de Summers e afirma que o castelo e a casa góticos, assim como suas variações, devem possuir qualidades em comum, como isolamento, falta de luminosidade, certo ar de mistério, locais escuros, corredores estreitos e quartos empoeirados que, segundo ele, atuam para provocar nas personagens – e no leitor – as sensações de claustrofobia, solidão e reconhecimento de que se trata de um lugar com segredos escondidos, sendo a função de tais elementos ativar a dinâmica gótica entre imagem e efeito e excitar, assim, a curiosidade tanto das personagens quanto do leitor.

Por fim, Anne Williams (2005, p. 45) reflete acerca daquilo que provoca o terror ao redor das casas e castelos, definindo que a estrutura é marcada e assombrada pela história, pelos eventos de seu próprio interior. Os fantasmas – reais ou imaginários – derivam de paixões do passado, ações passadas e crimes cometidos contra a família pertencente ao lugar.

Para estabelecer a relação entre o castelo da literatura gótica e a Casa Azul, deve-se atentar, primeiramente, ao espaço físico da mansão. Sabe-se que é uma construção bela – “Mas os que vinham de fora se sentiam atraídos. Era bela [a casa] no seu recolhimento [...]”

(REGO, 1976, p. 7) – que causa, contudo, desconforto nos habitantes de Araruama, dado o estado de abandono em que se encontra: “Os cata-ventos enferrujados, as águas podres dos velhos canais e, dominando tudo, a Casa Azul, velha, ninho de morcegos, **fazendo medo à gente da terra, com sua vida desconcertante e seus poderes maléficos.**” (REGO, 1976, p.8, grifo nosso). Tal descrição aproxima a imagem da casa à sugestão de Koontz (apud WILLIAMS, P. 39), que define a necessidade de o espaço sobrenatural possuir certo ar de mistério e isolamento, a fim de excitar a curiosidade das personagens e do leitor.

Sabido que o estado de abandono da Casa Azul deve-se às desgraças de que fora palco, retoma-se a afirmação final de Williams (2005, p. 45), que associa o assombro à história e aos acontecimentos passados ocorridos no lugar. Contados principalmente no sétimo capítulo da primeira parte do romance, tais acontecimentos reforçam a crença no poder maléfico da mansão, como se observa nos trechos a seguir:

Foi num dia de agosto. À tardinha, o mestre Luís vinha com o seu barco carregado de sal [...] e, quando se viu, foi uma coisa rodando na lagoa [...] até que se sumiu ali no canal grande. Era que o mestre Luís dera para sonhar com botija. [...] E o mestre Luís perdeu o juízo, esburacou a casa [Azul], e deu no que deu. Hoje esta lá debaixo d’água, chorando como menino novo. (REGO, 1976, p. 48).

A pressuposição da existência de um poder sobrenatural relacionado à Casa Azul deriva, portanto, do aspecto físico da construção e dos inúmeros acidentes e mortes da qual foi palco, os quais despertaram, na população de Araruama, um medo coletivo responsável pela sustentação e pela manutenção da crença dos moradores acerca do malefício que provém de lá.

Em *O horror sobrenatural em literatura* (2008, p. 13), H. P. Lovecraft afirma que “A emoção mais antiga e mais forte da humanidade é o medo, e o tipo de medo mais antigo é o medo do desconhecido.” Em *Água-mãe*, as personagens creem na força sobrenatural presente sobre a Casa Azul, mas ignoram a forma e os motivos de sua existência, o que acentua o temor comum a todos no romance. O narrador, ao não caracterizar nem confirmar a existência do malefício, aproxima-se da proposta de Walter Scott que, em “On the supernatural in fictitious composition” (2004, p. 53), diz que o maravilhoso – e o sobrenatural, consequentemente – perde seu efeito se deixado muito à mostra na criação literária.

Em seguida, Scott (2004, p. 53) afirma que é forte o interesse provocado pelo sobrenatural e define que sua exibição, na literatura, deve ser rara, breve e indistinta, capaz de tornar-se tão incompreensível e tão diferente do universo do leitor a ponto de que não haja conjectura capaz de responder quando ou porque ele existe. É o que consegue o narrador de *Água-mãe* ao não dar indícios sobre os motivos possíveis da existência e nem confirmar a presença do sobrenatural sobre a Casa Azul. Deste modo, mantém-se a curiosidade durante toda a narrativa, cabendo ao leitor acreditar ou não na superstição que rodeia o lugar.

Em *Água-mãe*, a dúvida é mantida até o final da narrativa, não sendo confirmada pelo narrador, em nenhum momento, a existência ou não do poder maléfico sobre o lugar. A dúvida também permanece, em grande parte da história, nas personagens que, ora crentes, ora descrentes, mantêm por vezes o contato com a Casa Azul, como Dona Mocinha, por exemplo.

Pode-se associar a incerteza à hesitação que, como estabelece Tzvetan Todorov na *Introdução à literatura fantástica* (2003), condiciona e determina se uma história pertence ou não ao gênero fantástico, o qual permite uma interpretação sobrenatural dos fatos narrados. Segundo o teórico, é necessário que o texto “obrigue o leitor a considerar o mundo das

personagens como um mundo de criaturas vivas e a hesitar entre uma explicação natural e uma explicação sobrenatural dos acontecimentos evocados.” (TODOROV, 2003, p. 39), hesitação essa que pode estar presente, também, nas personagens.

Passível de duas vias de interpretação, o romance *Água-mãe* pode encaixar-se em duas subdivisões propostas por Todorov:

Se ele [o leitor] decide que as leis da realidade permanecem intactas e permitem explicar os fenômenos descritos, dizemos que a obra se liga a um outro gênero: **o estranho**. Se, ao contrário, decide que se devem admitir novas leis da natureza, pelas quais o fenômeno pode ser explicado, entramos no gênero do **maravilhoso**. (TODOROV, 2003, p. 48, grifos nossos).

O teórico (TODOROV, 2003, p. 50) define ainda, que a partir dos conceitos de fantástico, estranho e maravilhoso, pode-se criar subgêneros, divididos por ele em estranho puro, fantástico-estranho, fantástico, fantástico-maravilhoso e maravilhoso puro. No que se refere a *Água-mãe*, pode-se dizer que é um romance que transita entre o fantástico-maravilhoso e o fantástico-estranho, pois, ao término da história, duas interpretações podem ser tidas pelo leitor.

Caracterizar-se-á como fantástico-estranho quando, segundo Todorov (2003, p. 51), os acontecimentos sobrenaturais receberem uma explicação racional, explicação essa que procura reduzir o sobrenatural com base na aceitação no “real-ilusório”, que determina que os “acontecimentos se produziram realmente, mas se explicam racionalmente (acazos, fraudes, ilusões).” (TODOROV, 2003, p. 52). Nesse caso, o leitor de *Água-mãe* conclui que os acontecimentos trágicos se devem à mera coincidência e destino, levando a consideração do texto como pertencente ao “sobrenatural explicado”, como o tem chamado a crítica, segundo Todorov (2003, p. 52).

Em contrapartida, o romance assumirá o caráter de fantástico-maravilhoso se, conforme o teórico (TODOROV, 2003, p. 58), a narrativa se apresentar como fantástica – ou seja, se mantiver a hesitação – e terminar com a aceitação do sobrenatural. Estamos aqui diante do leitor que acredita no poder maléfico da Casa Azul exercido sobre as personagens, sendo essa força inexplicável a responsável pelos acontecimentos trágicos de *Água-mãe*.

Com a pluralidade de respostas possíveis ao desfecho da narrativa, questiona-se qual é, no romance, o intuito de não definir uma única via possível e apresentar, assim, uma conclusão concreta a respeito da influência ou não do sobrenatural em Araruama. A resposta pode ser encontrada em Lovecraft (2008, p. 17) quando determina:

A história fantástica genuína tem [...] uma certa atmosfera inexplicável e empolgante de pavor de forças externas desconhecidas [...] e deve haver um indício, expresso com seriedade e dignidade condizentes com o tema, daquela mais terrível concepção do cérebro humano – uma suspensão ou derrota maligna e particular daquelas leis fixas da Natureza que são nossa única salvaguarda contra os assaltos do caos e dos demônios dos espaços insondáveis.

Segundo o teórico, a atmosfera relaciona-se a uma determinada sensação – que, na literatura fantástica, deve provocar “um profundo senso de pavor e o contato com potências e

esferas desconhecidas.” (LOVECRAFT, 2008, p.18) –, cabendo a ela o critério final de autenticidade da obra (LOVECRAFT, 2008, p. 17). O romance deve ser avaliado, portanto, “não pela intenção do autor ou pela simples mecânica do enredo, mas pelo nível emocional que ela atinge em seu ponto menos banal.”, presente em seções isoladas em que os toques atmosféricos “preenchem todas as condições da verdadeira literatura de horror sobrenatural.” (LOVECRAFT, 2008, p. 17).

O terror que permeia a história de *Água-mãe* provém da atmosfera de mistério centrada no lugar, construída em torno da Casa Azul, da natureza que a rodeia e das histórias terríveis às quais está associada. Iniciada com os acontecimentos trágicos ocorridos em constância considerável, a hipótese sobrenatural ganha força por estar associada a um lugar específico, que sustenta, na imaginação popular, superstições e histórias adicionais localizadas e associadas a esse espaço.

O espaço da Casa Azul, em *Água-mãe*, atua diretamente na construção da atmosfera de mistério e de terror que conduz a história, pois abriga, conforme creem as personagens, as “forças externas desconhecidas” capazes de suspender as leis fixas da Natureza (LOVECRAFT, 2008, p. 17), possibilitando, assim, a influência sobrenatural no lugar.

É, portanto, a partir da ideia dessa força desconhecida proveniente de um lugar específico – a Casa Azul –, associada às desgraças ocorridas, que se constrói a atmosfera de mistério e de terror presentes em *Água-mãe*, que, superior às desgraças em si, mantém as personagens em constante conflito e recorrente preocupação com a possibilidade da influência da Casa Azul sobre a vida dos habitantes de Araruama. A possível existência do sobrenatural parece ser utilizada, portanto, para a construção da atmosfera trágica que permeia a narrativa.

Eugênio Gomes, em ensaio sobre o romance – intitulado *Água-mãe* (1976) – confirma o que foi dito acima ao defender que José Lins do Rego não usa o sobrenatural apenas para explorar o tema do horror, mas sim porque “a dimensão em profundidade do fantástico comportava a projeção da concepção de vida que deixa transparecer em sua obra romanesca.” (GOMES, 1976, p. xi). Segundo Gomes (1976, p. xii), o escritor vale-se da escolha pelo “elemento sobrenatural fundado na intimidação e no pavor das almas” para demonstrar que “o que é pessoal conta menos que os medos, as esperanças e os impulsos de que todos partilham na comunidade da família ou da sociedade.” e consegue, ao protagonizar o medo, extrair “da aura de mistérios que envolve a Casa Azul todos os efeitos necessários à fixação dos conflitos em jogo da alma humana.” (GOMES, 1976, p. xii).

Em “Um romance de José Lins do Rego” (1991) – ensaio de Manuel Anselmo a respeito de *Água-mãe* – defende-se que a “atmosfera de mistério, de medo, de terror, que, ao cabo, é a essencial realidade romanesca do volume” (ANSELMO, 1991, p. 380) permite, sob a ação do ‘medo do sobrenatural’, uma aguda ‘análise de sentimentos’, que documenta “uma realidade coletiva da psicologia humana.” (ANSELMO, 1991, p. 380), demonstrando reações comuns a todas as esferas sociais das personagens do romance. Em “O sentido do trágico em José Lins do Rego”, Juarez da Gama Batista, com base em todos romances de José Lins do Rego, afirma que as personagens criadas pelo escritor terminam vencidas sem saber o porquê, carregadas de horrores e expiando culpas que não são suas e marcham para um desconhecido que não poupa ninguém (1987, pp. 12, 13). Faz afirmações, também, acerca da natureza nas obras do escritor, que, soberana, “imperava sobre os descaminhos do mundo” (BATISTA, 1987, p. 16).

É esse sentimento que se deixa transparecer em *Água-mãe*, onde as personagens não são capazes de lutar contra seu destino, entregues a ele sem possibilidade de reversão. São os elementos naturais os principais contribuintes para o estabelecimento da atmosfera de mistério que, como já foi demonstrado no presente trabalho, dota-se de obscuridade quando ocorrem as tragédias, recurso que, segundo Batista, está também presente nas demais obras de

José Lins do Rego. Antonio Candido, em “Um romancista da decadência” (2004), afirma que o escritor cria “personagens em desorganização”, definidos como seres

[...] colocados em uma linha perigosa, em equilíbrio instável entre o que foram e o que não serão mais, angustiados por essa condição de desequilíbrio que cria tensões dramáticas, ambientes densamente carregados de tragédia, atmosferas opressivas, em que o irremediável anda solto. (CANDIDO, 2004, p. 57).

Em *Água-mãe*, as personagens são colocadas nessa linha perigosa e nesse equilíbrio instável por conta do terror causado pela Casa Azul, que domina os pensamentos e condicionam os movimentos ao longo de toda a narrativa, sendo a casa um elemento externo que age sobre todos e não permite a esses qualquer modo de defesa. A angústia provém de fontes distintas em cada romance do escritor, mas exerce a mesma influência sobre as personagens, que vivem então as tensões dramáticas mencionadas por Candido e carregam de tragédias o ambiente em que vivem.

A partir das ideias apresentadas, percebe-se que a importância da atmosfera não se dá apenas em *Água-mãe*, mas também nos demais romances de José Lins do Rego. A crítica demonstra concordância ao caracterizar a obra reguiana como dotada de uma atmosfera trágica, sob a qual as personagens acabam vítimas de um destino superior ao que poderiam combater. Pode-se estabelecer, deste modo, que *Água-mãe*, tido como um romance deslocado na produção, vale-se de uma temática estranha à comum de José Lins do Rego – o terror sobrenatural – para a criação do mesmo efeito das demais obras: a análise e manifestação de personagens em decadência, tal como definiu Candido. Conforme afirma Roberto Alvim Corrêa (1991, p. 375), não cabe, na produção reguiana, “analisar, dissecar o visível e o invisível; o que se deve é restituir o sentimento da vida.”, o que José Lins do Rego faz ao coletivizar sentimentos e destinos no decorrer de sua produção.

#### REFERÊNCIAS:

ANSELMO, M. Um romance de José Lins do Rego. In: \_\_\_\_\_. COUTINHO, E. F. (Org.) **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 379-385.

BATISTA, J. G. **Sentido do trágico em José Lins do Rego**. Paraíba: 1987.

BUENO, L. **Uma história do romance de 30**. São Paulo: Edusp, 2006.

CANDIDO, A. Um romancista da decadência. In: \_\_\_\_\_. **Brigada ligeira e outros escritos**. Rio de Janeiro: Ouro sobre azul, 2004. p. 57-62.

CORRÊA, R. A. Reflexões à margem de *Água-mãe*. In: COUTINHO, E. F. (Org.) **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 371-378.

GERSEN, P. José Lins do Rego e a cultura brasileira. In: \_\_\_\_\_. COUTINHO, E. F. (Org.) **José Lins do Rego**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1991. p. 155-182.

GOMES, E. *Água-mãe*. In: \_\_\_\_\_. REGO, J. L. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976. p. vii-xviii.

LOVECRAFT, H. P. **O horror sobrenatural em literatura**. São Paulo: Iluminuras, 2008.

ORLANDO, F. Estatutos do sobrenatural na narrativa. In:\_\_\_\_\_. MORETTI, Franco. (Org.) **O romance**. A cultura do romance. São Paulo: Cosac Naify, 2009. p. 245-281.

PUNTER, D. **The literature of terror**: the Gothic tradition. London: Longman, 2009.

REGO, J. L. **Água-mãe**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.

SCOTT, W. On the supernatural in fictitious composition. In:\_\_\_\_\_. SANDNER, David. **Fantastic literature**: a critical reader. London: Praeger, 2004. p. 51-55.

TODOROV, T. **Introdução à literatura fantástica**. São Paulo: Perspectiva, 2003.

WILLIAMS, A. The house of Bluebeard: Gothic engineering. In:\_\_\_\_\_. **Art of darkness**: A poetics of Gothic. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. p. 38-48.

WILLIAMS, A. Inner and outer spaces. In:\_\_\_\_\_. **Art of darkness**: A poetics of Gothic. Chicago: The University of Chicago Press, 1995. p. 249-252.